

Identidade de gênero e família: uma narrativa a partir da experiência e das expressões de crianças que apresentam variabilidade de gênero no AMTIGOS/IPq/HC/USP

Gender identity and family: a narrative from the experience and expressions of children who show gender variability in the AMTIGOS/IPq/HC/USP

Beatriz Bork^I, Alexandre Saadeh^{II}

Resumo

O presente artigo se refere ao Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (AMTIGOS). Trata-se de uma pesquisa qualitativa sob o viés etnográfico que toma como referencial a literatura produzida sobre gênero, sexualidade e dinâmica familiar, contemplando estes arranjos em sua especificidade histórico-cultural. Considerando o déficit de materiais resultantes da escuta da experiência dos pais quando confrontados com as variabilidades de gênero, este artigo é um preâmbulo que tem como objetivo elaborar um protocolo de atendimento aos pais e familiares de crianças em situações conflituosas de gênero a partir das reflexões sobre a assistência desenvolvida pela pesquisadora nas dependências do AMTIGOS. Para tanto, utilizou-se como escopo as diretrizes de atendimento clínico do local, que prevê um sujeito ativo na constituição da sua personalidade, participante do seu processo de desenvolvimento, sendo capaz de apropriar-se das múltiplas determinações que se expressam em suas ações, sentimentos e pensamentos. Pautado neste posicionamento, verificou-se formas de enfrentamento ao sofrimento e adversidades apresentadas no âmbito do atendimento das famílias e da criança/adolescente implicado na pesquisa.

Palavras-chave: Identidade de gênero; Sexualidade; Infância; Psicologia.

Abstract

This article is referenced to the Transdisciplinary Ambulatory of Gender Identity and Sexual Orientation (AMTIGOS). This is a qualitative research under the ethnographic bias that takes as a reference the literature produced on gender, sexuality and family dynamics, contemplating these arrangements in their historical-cultural specificity. Considering the lack of materials dedicated to listening to the experience of parents when confronted with gender variability, this article is a preamble that aims to develop a protocol for care for parents and family members of children in gender conflict situations from reflections on the assistance developed by the researcher at the AMTIGOS premises. In order to do so, the clinical care guidelines of the place were used as scope, which provides for an active subject in the constitution of their personality, participant in their development process, being able to appropriate the multiple determinations that are expressed in their actions, feelings and thoughts. Based on this position, there were ways of coping with the suffering and adversities presented in the context of caring for families and the child/adolescent involved in the research.

Keywords: Gender identity; Sexuality; Childhood; Psychology.

^I Beatriz Bork (beatriz.bork@gmail.com) é psicóloga pela Universidade Paulista (UNIP), especialista em Atendimento Clínico em psicodinâmica pelo Instituto Sedes Sapientiae, mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP), doutoranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e compõe a Equipe Multidisciplinar do Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (AMTIGOS) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq/HC/FM/USP).

^{II} Alexandre Saadeh é médico psiquiatra e doutor em Psiquiatria pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, médico-supervisor do Serviço de Psicoterapia e coordenador do AMTIGOS do IPq/HC/FM/USP professor colaborador deste instituto, professor doutor do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (FaCHS-PUC-SP) e membro da World Professional Association for Transgender Health (WPATH).

Introdução

A organização do pensamento no Ocidente, em específico na América Latina, foi sedimentada em circunstâncias sócio-históricas que permitiram valorizar narrativas dominantes e hegemônicas em detrimento de outros discursos tidos como subalternos e marginalizados, concebendo mecanismos de manutenção que foram e vão sendo engendrados nas diversas instâncias sociais.

O conjunto de práticas e saberes institucionalmente articulados foi sendo arquitetado à luz de uma concepção de indivíduo livre, racional e consciente de seus atos; isto porque criou-se, na sociedade moderna, um sistema de conhecimento baseado no mundo natural como algo exterior, independente e objetivo em relação ao sujeito.¹

Este cerceamento permitiu a pulverização de representações estanques no imaginário social, pois, conforme Rago² a ciência, na civilização ocidental, ganhou aspecto “particularista, ideológico, racista e sexista”, que opera no interior da lógica da identidade ao valer-se de categorias reflexivas que não são capazes de pensar diferenças e assimetrias.

Cria-se, neste contexto, o engendramento de hierarquias heterogêneas que exercem a dominação e a exploração a partir de uma ordenação étnico-racial generificada que fundamenta diversas estruturas de poder. Tem-se culturas locais expropriadas, enquanto outras passam a ser impostas em decorrência da hierarquia entre as subjetividades.

Walsh³ explica que, nesta lógica, aqueles que fazem parte da produção do conhecimento racional pautado na lógica europeia que, em teoria, contém a validade, passam a ser considerados mais humanos do que os que estão fora dessas fronteiras. Sinteticamente, a autora explica que se cria um processo triplo, que consiste em: inferiorização, subordinação e desumanização.

Neste contexto, investigar a sexualidade e as manifestações de gênero representa tarefa complexa e multifacetada. É com base nos mecanismos de agenciamento, bem como nas normas e regras instituídas socialmente por meio da educação e da família, que

garotos e garotas vão se reconhecendo como homens e mulheres, à medida que se expressam nos grupos sociais e são reforçados a exercer papéis de gênero.

Essas organizações sociais geram impactos prejudiciais à mulher, observado que limitam suas potencialidades, pois muitas vivem escondidas nas imagens de condutas rígidas e corpos objetificados, numa busca incessante de idealizações de padrões inalcançáveis. Saffioti⁴ explica que,

“Ao se atribuir a elas a responsabilidade praticamente exclusiva pela prole e pela casa, já lhes está, automaticamente, reduzindo as probabilidades de desenvolvimento de outras potencialidades de que são portadoras (...)pode-se, pois, detectar, ainda uma vez, o processo de naturalização de uma discriminação exclusivamente sociocultural”. (p. 14 e 15)

Já os homens, por sua vez, são estimulados a exercer sua masculinidade a partir de uma fuga do feminino, pois, primeiramente, o menino se distancia da figura materna (feminino) a fim de se associar à figura paterna (masculino), para com isso deixar de incorporar traços que remetem à feminilidade, suprimindo nele próprio uma gama de características, a fim de externalizar traços de conquista e rechaçar fraqueza ou fragilidade⁵. Os garotos tornam-se homens a partir do exercício da virilidade⁶ que engendra características de pensamento e comportamento, complementadas pelas expectativas sobre os papéis que devem exercer ao longo da vida.

Pensar a prática de homens e mulheres implica perceber que é no decurso das trocas sociais que se constitui a identidade sexual, organizam-se os papéis sociais e afetações. Então, é por meio da implicação que o sujeito se desenvolve, aderindo ou rejeitando, obedecendo ou resistindo às regras e conceitos apresentados como naturais e impostos pela normatividade.

1 Corbin, Courtine e Vigarello⁶ (p.8) produzem um extenso estudo sobre o conceito e informam que “A virilidade é histórica como é inevitavelmente antropológica”. Neste processo, nas sociedades ocidentais, o conceito de virilidade endossa determinados padrões de comportamento, retratando um modo de reconhecimento unido às práticas de conduta viril.

E, acerca da normatividade, tem-se que, nos vários períodos da história, encontram-se diversas teorias, ideias e concepções sobre o desenvolvimento de um processo identitário; sendo um consenso que ele ocorre com base na realidade, que Berger e Luckmann⁷ explicam como “...uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente da volição (...) como fenômenos que são reais e possuem características específicas...” (p.11).

Logo, a realidade não depende da vontade humana, mas tem relação com o meio social no qual estamos inseridos e, neste sentido, a realidade e a identidade são produzidas a partir de ações humanas. Desse modo, o conhecimento e as expressões são (re)construções sociais em que não existe uma verdade absoluta, mas, sim, várias verdades que são válidas em acordo ao meio, e são produzidas, dependendo, ainda, dos marcadores sociais, do ponto exato do afeto e do enunciado.

A identidade sexual está em constante transformação, bem como a realidade; ambas são produzidas a depender do grupo específico ao qual são acionadas e de qual papel é esperado que se desempenhe, tanto pelo sujeito quanto pelo grupo social. Deste modo, não se é único em todas as instâncias da vida social, mas são vários em um ser único. Esta noção possibilita romper com teorias rígidas e inertes, permitindo questionar fronteiras de produção dos sujeitos, tais como a sexualidade, o gênero, a educação e a coletividade.

Vale lembrar os ensinamentos de Almeida⁸ ao evidenciar que a masculinidade e a feminilidade não são associadas, respectivamente, a homens e mulheres, pois podem ser acessadas por estes independentemente de orientação sexual e identidade de gênero, embora com efeitos particulares diferentes e expressando materialidades e práticas discursivas distintas.

Interpelar os processos de produção das subjetividades oportuniza pensar a masculinidade e a feminilidade como categorias edificadas nas relações sociais, visto que o gênero é constantemente (re)modelado e sua organização é difundida em diversos núcleos de constituição dos sujeitos. O gênero não se constitui por si só, mas emerge e ganha sentido em um contexto

específico na história individual, que resguarda uma série de dispersões.

Dada a complexidade das produções da identidade sexual e das expressões de gênero, o presente artigo dedicou-se às suas implicações no núcleo familiar, percebendo, principalmente, as expressões variáveis de gênero em crianças. Trata-se de um estudo que investiga quais as repercussões das expectativas que incidem sobre a conduta das crianças, abordando a importância da entidade familiar, que pode tanto acolher e alicerçar determinadas condutas quanto expressar censuras e repressão. Ainda, conforme Saadeh⁹, adultos transgêneros, que se percebiam diferentes desde crianças, relataram sofrer por perceber que não eram aceitos ou apoiados por seus familiares.

Nesse contexto, o presente artigo trata de um preâmbulo que apresenta dados iniciais organizados à luz de uma pesquisa qualitativa com delineamento etnográfico¹⁰, com a intenção de conhecer as dúvidas e angústias dos pais de crianças com variabilidade de gênero, a fim de elaborar um protocolo de atendimento aos pais e familiares de crianças em situações conflituosas a partir das reflexões sobre a assistência desenvolvida. Para tanto, elencou-se a equipe do Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulos (AMTIGOS/IPq/HC/FM/USP) como interlocutores da pesquisa.

Investigaram-se os sentimentos, os afetos e as condutas das famílias quando contrapostos com comportamentos variáveis de gênero, percebendo quais estruturas são subvertidas e transgredidas neste processo. Trata-se de compreender a sexualidade como uma conduta dissolvida nas práticas sociais, que é cerceada por expectativas que incidem sobre a vida social das crianças.

Relato

Trata-se de um trabalho desenvolvido no AMTIGOS, onde são feitos trabalhos de acolhimento e intervenção. Inicialmente, os atendimentos familiares eram individualizados, no entanto, com o crescimento

intenso do serviço, tornou-se necessária a formação dos encontros de acolhimento para os grupos de pais, que ocorreram, primeiro, com os pais de adolescentes e, posteriormente, com os pais de crianças. Alguns profissionais mantiveram-se nos atendimentos realizados em grupos e outros precisaram realizar atendimentos mais individualizado, a partir de 2019. Sendo assim, foi necessário formar um novo grupo de atendimento focal, com dias e horários voltados para os aspectos específicos de algumas dessas famílias, que se direcionavam a suas questões singulares.

No caso das crianças, são os pais que buscam o ambulatório, passando por orientação e auxílio sobre as situações nas quais se sentem perdidos e sem saber como agir em relação às dúvidas suscitadas por seus filhos, ainda pequenos, desde três ou quatro anos de idade.

O trabalho realizado no AMTIGOS tem como base a World Professional Association for Transgender Health (WPATH)¹¹ – traduzindo, Associação Mundial Profissional para a Saúde Transgênero –, adaptada aos brasileiros a partir das experiências holandesa, canadense e norte-americana. Esta associação é multidisciplinar e tem como objetivo promover altos padrões de assistência à saúde das pessoas trans, por meio da reunião de diversos profissionais dedicados ao desenvolvimento de práticas que promovam a saúde, a pesquisa, a defesa, políticas públicas e respeito à saúde da população trans, com base em evidências científicas.

Considerando o trabalho realizado no nosso ambulatório foi possível perceber que mães e pais de crianças com comportamentos divergentes dos esperados socialmente para seu gênero sentem-se confusos, assustados, envergonhados e culpados pelos comportamentos de seus filhos. Eles levam tempo para aceitá-los, alguns pressionam as crianças para se comportarem de acordo com o que é esperado pela cultura que, por sua vez, confronta o sujeito com o sexo biológico, tratando-o com rispidez e violência emocional ou física.

Nos atendimentos realizados, primeiro ouvimos o que os pais têm a relatar; com frequência, percebe-se uma angústia e temor, dúvidas e uma incapacidade no saber como agir. De fato, o que ocorre com quem se

preocupa com os próprios filhos e tem a compreensão de que algo precisa ser feito é a disposição de repensar suas posturas e expectativas, desejos de como imaginariam a vida do filho(a) – aprender a olhar para ele(a), para si mesmos e reconsiderar o respeito em relação a ele(a).

Percebemos que as pressões que os pais sofrem se referem ao que é esperado pela organização cultural – são questionados e criticados pelos grupos que frequentam, pelos próprios familiares, pelos parceiros, pelos pais de colegas na escola de seus filhos. Não há como escapar da rígida cultura generificada e, por vezes, é possível perceber que um dos pais ou cuidadores acredita que não apresenta questões referentes ao gênero e que seu par é claramente preconceituoso. No entanto, de maneira sutil, observa-se que a própria pessoa que traz a queixa também possui preconceitos, sem, no entanto, ter esta clareza. Costuma se incomodar com detalhes e chega a transmitir suas dificuldades fazendo adaptações como, por exemplo, em vez de permitir à criança escolher a roupa de um determinado gênero, claramente a induz a escolher uma que seja mais neutra, tanto em relação ao modelo, quanto em relação às cores ou brilhos. Todos esses comportamentos desestabilizam ainda mais a família, denotando que esta precisa de ajuda, podendo chegar a promover rupturas e separações.

Aparecem questões pessoais de como lidar, em suas próprias vidas, com questões de gênero, com suas famílias pregressas e com a educação em relação ao gênero e comportamentos esperados. Dentro da proposta de trabalho do AMTIGOS, convidamos para que “mergulhem” em si próprios, de forma que consigam perceber seus comportamentos e mensagens, ainda que sejam sutis.

Precisam lidar com as expectativas criadas e sonhos de ter um filho ou uma filha e o que construíram internamente em relação a eles. Temem, com dúvidas sobre a possibilidade de que seus filhos poderão ou não ter uma vida com família e trabalho, se terão amigos, se sofrerão violência ou serão mortos.

Nos relatos desses pais e mães ou cuidadores(as), percebemos o envolvimento de seus próprios preconceitos. Por exemplo, quando se fala da sociedade, “dos outros”,

sabemos que falam de si mesmos. Claro que há uma preocupação real e concreta das vivências negativas; no entanto, sabemos que se estiverem ao lado de seus filhos, orientando-os e fortalecendo-os como seres humanos, estes terão mais condições de enfrentar as adversidades que poderão surgir. Em alguns momentos, esses pais também são julgados e entendidos como incentivadores dos comportamentos de variabilidade de gênero, ou diferentes dos esperados a serem adotados por meninas ou meninos. Por isso, trabalha-se a responsabilização dos pais sobre o que delegam em suas afirmações aos “outros”, lembrando-os que fazem parte desta sociedade. Além dos atendimentos na forma de Grupos de Pais e Responsáveis, o trabalho focado e mais personalizado, conforme descrito, foi realizado com cerca de 30 famílias.

No caso dos adultos trans atendidos no AMTI-GOS, percebeu-se, em decorrência das experiências vividas, que muitos precisaram sair de suas casas ou mesmo abandonar os estudos por se sentirem desconfortáveis e sofrerem intenso preconceito familiar. Sendo assim, sem ter uma boa formação e um suporte familiar ou mesmo cuidados em termos de saúde, tornou-se difícil para eles construir boas relações, inclusive profissionais, e que lhes trouxessem mais estabilidade.

Atualmente, com a estrutura oferecida no ambulatório, é possível construir uma base de cuidados em relação à saúde integral e às escolas e famílias, para que se promovam condições de auxílio a um desenvolvimento estruturado, a fim de que tenham condições de construir um suporte emocional e desenvolver-se nos estudos, sentindo-se pertencentes à sociedade e capazes de perceber que têm o que oferecer ao mundo.

É importante acolher e compreender os pais e cuidadores com o objetivo de promover uma reflexão aprofundada quanto às questões de gênero em suas próprias vidas. Isso permite uma mudança interna de suas percepções, que repercutirá em sua postura nesta relação e na maneira de olhar para seus filhos e seus comportamentos, a fim de construir bases para que possam atuar, orientar e acolher seus sentimentos e pensamentos. Este trabalho fundamental vem sendo desenvolvido junto a uma equipe multiprofissional, que conta com pediatras, fonoaudiólogos, psiquiatras, assistente

social, preparador físico, enfermeiro, equipe de endocrinologia do Instituto da Criança, bem como instituições escolares, permitindo a prevenção de dores e angústias profundas dessas famílias e crianças, por meio de uma escuta especializada para que elas não progridam no sentido de ocasionar problemas mais graves de saúde mental, mas, ao contrário, para que se promova a formação de seres mais preparados, fortalecidos e resilientes.

Referências

1. Vaitsman J. Subjetividade e paradigma de conhecimento. Bol. Técn. Senac. 2008; 21(2):50-70.
2. Rago M. Epistemologia feminista, gênero e história. masculino, feminino, plural. Florianópolis: Editora Mulheres; 1998.
3. Walsh C. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistêmicas de refundar el Estado. Rev. Tabula Rasa. 2008; 21(2):55-75.
4. Saffioti HI. O poder do macho. São Paulo: Editora Moderna; 1987.
5. Kimmel M. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. Equatorial – Rev. Progr. Pós-Gradu. Antrop. Soc. 2016; 3(4):97-124.
6. Corbin A, Courtine JJ, Vigarello G. História da virilidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
7. Berger P, Luckmann T. A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento. 21ª ed. Petrópolis: Vozes; 2002.
8. Almeida M. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. In: Anuár. Antrop. 1996; 20(1):161-189.
9. Saadeh A. Transtorno de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino. [Tese]. Universidade de São Paulo. São Paulo; 2004. 279p.
10. Breakwell G, Hammond S, Fife-Schaw C. Métodos de pesquisa em psicologia. Porto Alegre: Artmed Editora; 2010.
11. World Professional Association for Transgender Health (WPATH). Disponível em: <https://www.wpath.org/>. [acesso em: 5 abr. 2022].